

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E AS REFERÊNCIAS ANGLO-AMERICANAS NO PENSAMENTO DE ANÍSIO TEIXEIRA

RAMOS, Naiara¹
PEDROSA, José Geraldo²

Resumo

Este artigo é produto de uma pesquisa vinculada ao PPGET do CEFET-MG que apresenta como objeto de estudo as elaborações de Anísio Teixeira (1900-1971) sobre educação profissional e as influências anglo-americanas em seus escritos. O texto situa inicialmente a trajetória de Anísio Teixeira, evidenciando suas principais atuações na educação pública e seu engajamento em movimentos, associações e manifestos. Em seguida apresenta informações e reflexões sobre as relações de Anísio Teixeira com universidades e intelectuais nos EUA nas décadas de 1950 e 1960. Por fim as considerações finais apresentam uma síntese sobre o pensamento de Anísio Teixeira relacionado às referências anglo-americanas. Esta pesquisa é de natureza documental e bibliográfica, com fontes primárias e secundárias. Duas bases conceituais, provenientes da história dos intelectuais e da análise do discurso foram referências teórico-metodológicas na condução desta. No tocante à história dos intelectuais, a referência foi o francês Jean-François Sirinelli. Anísio Teixeira, como um intelectual da educação, sob a perspectiva de Sirinelli (2003), foi um mediador da cultura educacional de John Dewey, fazendo circular as ideias do filósofo anglo-americano no Brasil. A análise da trajetória política profissional de Anísio Teixeira, mostra o seu engajamento na vida pública, o que resultou em diversos entraves políticos em virtude de sua defesa da escola pública, de boa qualidade e para todos. A análise dos escritos de Anísio Teixeira revela essa noção de engajamento público, pois sua escrita era uma das formas de intervenção no debate político educacional. Os resultados obtidos demonstram que as referências educacionais de Anísio Teixeira continuam sendo os EUA, mesmo sendo um crítico da transformação da sociedade anglo-americana na fase imperialista. Anísio Teixeira permanece referenciando a pedagogia pragmática de John Dewey, sendo o

¹Graduação em Pedagogia (UEMG); mestra em Educação Tecnológica (CEFET-MG). E-mail: naia.ramos@yahoo.com.br

²Graduação em Ciências Sociais (INESP); doutorado em Educação: História, Política, Sociedade (PUC-SP). E-mail: jgpedrosa@uol.com.br

caminho para a instituição de uma sociedade democrática no Brasil.

Palavras-chave: Educação Profissional; Anísio Teixeira; Intelectual.

Introdução

Este artigo é produto de uma pesquisa vinculada ao Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG, realizada entre 2019 e 2021. Essa pesquisa analisou a obra escrita de Anísio Teixeira nas décadas de 1950 e 1960, tendo em vista o mapeamento das elaborações sobre educação e trabalho e das apropriações da anglo-americanidade no pensamento educacional desse intelectual brasileiro.

O ponto de partida da pesquisa foram dois outros estudos já realizados no PPGET do CEFET-MG sobre a obra escrita de Anísio Teixeira, que focalizaram as elaborações sobre educação e trabalho e as apropriações da anglo-americanidade no pensamento educacional de Anísio Teixeira. O primeiro estudo foi realizado por Silva (2016) e focalizou escritos do período que vai de 1925 a 1927, quando Teixeira torna-se inspetor da instrução pública na Bahia e viaja à Europa (1925) e aos Estados Unidos da América (1927), em busca de motivações e inspirações educacionais. O segundo estudo foi realizado por Santos (2018) e focalizou os escritos de Teixeira do período de 1929 a 1951. Nesse período Teixeira retornou ao Brasil após segunda temporada nos EUA quando cursou mestrado na Universidade da Columbia com John Dewey. Na volta ao Brasil Teixeira passou pela Bahia, mas já em 1931 assumiu a Secretaria da Educação no Distrito Federal com a missão de implementar reformas que servissem de referência para o país. Teixeira ficou no Distrito Federal até 1935, quando pediu demissão em decorrência de conflitos com as escolas privadas religiosas e com os setores conservadores da educação que o acusavam de conluio com os comunistas. Após sua demissão Teixeira retornou para a Bahia para, segundo ele próprio, um período sabático. Esse segundo período (1929-1951), estudado por Santos (2018), é encerrado quando Teixeira aos 51 anos de idade, assume o comando do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas em Educação (INEP), acumulando o cargo de Secretário Geral da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), atuando nessas instituições até 1964.

Este texto abordará a relação de Anísio Teixeira com os EUA que iniciou em 1927 e durou até 1971. Teixeira construiu longas amizades com acadêmicos anglo-americanos, relações que

iniciaram no tempo em que fora estudante na Universidade da Colúmbia e constituíam sua rede de sociabilidade. No decorrer de sua vida, muitas transformações políticas, sociais, culturais e econômicas ocorreram nos EUA e no Brasil. Assim o pensamento de Anísio Teixeira também se transformou em relação aos EUA, perpassando entre admiração e decepção com a nação anglo-americana.

Trajatória política e profissional

Anísio Teixeira, nascido em 1900 na cidade do interior baiano Caetité, era filho de família tradicional, de posses e com influências políticas. Estudou em colégio jesuíta e formou-se em ciências jurídicas no Rio de Janeiro, em 1922.

A trajetória de Anísio Teixeira na educação teve início em 1924, quando, aos 23 anos e nenhuma experiência, assumiu o cargo de inspetor-geral de Ensino na Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública da Bahia, no período de 1924 a 1925, sendo alterada sua função para diretor-geral da Instrução na mesma secretaria no período de 1925 a 1929. Teixeira, ainda jovem e inexperiente, dedicou-se a esse campo de atuação e realizou viagens à Europa, em 1925, e aos Estados Unidos da América (EUA), em 1927, com o propósito de buscar referências que inspirassem o seu trabalho na educação baiana. Identificando-se com o modelo anglo-americano de educação, Anísio Teixeira retornou aos EUA em 1928 para cursar mestrado em educação na Universidade de Colúmbia e na oportunidade ser aluno de John Dewey, filósofo e educador que o inspirou ao longo de toda a sua vida.

Ao retornar ao Brasil, foi nomeado catedrático de Filosofia e História da Educação na Escola Normal de Salvador. Essa nomeação ocorreu com base no diploma de conclusão do curso no Teacher's College Columbia University, realizado entre 1928 e 1929. Ainda na Bahia, Anísio Teixeira foi designado pelo secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública para elaborar novos horários e programas para as diversas disciplinas das escolas primárias e fundamentais do estado, em 1930. Nesse período, o mandato de Góes Calmon havia se encerrado e a Bahia era governada por Vital Henrique Batista Soares.

A partir dessa experiência na educação baiana, Anísio Teixeira, em 1931, vai atuar no Rio de Janeiro, então capital federal. Tornou-se membro de comissão do Ministério da Educação e

Saúde Pública, responsável pelos estudos relativos à reorganização do ensino secundário no país. Naquele ano assumiu a função de “superintendente das verificações determinadas pelo art. 45 do Decreto n.º 19.890, de 18-5-1931, nos institutos de ensino secundário do Distrito Federal e Estado do Rio” (RIBEIRO, 1960, p. 50).

Teixeira também acumulou função de superintendente do Serviço-Geral de Inspeção dos institutos de ensino secundário de 1931 a 1932, até se tornar diretor-geral do Departamento de Educação do Distrito Federal. Nesse cargo Teixeira realizou importantes reformas no ensino público, que serviram de modelo para o restante do país, podendo destacar-se a reorganização da Diretoria e de órgãos técnicos, a conversão da Escola Normal em Instituto de Educação e a reestruturação do ensino primário e profissional. Nesse período, Anísio Teixeira idealizou a construção da Universidade do Distrito Federal (UDF), da qual foi reitor e vice-reitor. A primeira experiência de trabalho no ensino superior foi inovadora ao criar uma universidade em padrões modernos com cursos de nível superior voltados para a formação de professores. Por fim, Teixeira ocupou o cargo de secretário-geral de Educação e Cultura do Distrito Federal em 1935. Naquele mesmo ano afastou-se da vida pública, por um período que durou mais de dez anos, retornando à Bahia. Anísio Teixeira, como democrata, optou por não fazer parte do regime autoritário que se iniciava no cenário político nacional a partir de 1937 com a Constituição.

Ao findar da Segunda Guerra Mundial, em 1945, foi criada a Organização das Nações Unidas (ONU), com o objetivo de promover a paz entre as nações e desenvolver a cooperação mundial entre os povos. A ONU é uma organização que possui quinze agências especializadas em áreas como saúde, economia e educação. Um desses organismos é a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Naquela recente e importante organização internacional, Anísio Teixeira foi convidado por Julien Huxley a assumir função de conselheiro da educação superior de 1946 a 1947. Ao findar desse trabalho, recebeu o convite para retornar ao Brasil e, pela segunda vez, comandar a pasta da Educação na Bahia, de 1947 a 1951, no governo de Otávio Mangabeira.

No período de 1951 a 1971, Teixeira ocupou relevantes cargos no Ministério da Educação e Cultura (MEC) . Em 1951, assumiu a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em que atuou até 1964. Nesse órgão Teixeira contribuiu para a organização de um sistema de fomento e apoio à pesquisa científica brasileiras em suas diversas áreas.

No ano de 1952 Anísio Teixeira foi nomeado diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep). Nesse cargo permaneceu por doze anos e, de forma dinâmica, foi o ator principal na constituição do sistema nacional de educação. Estabeleceu diversas parcerias com estados e entidades internacionais, criou e estreitou laços entre as ciências humanas e sociais e a educação, criou instituições de pesquisa e apoiou a formação de professores.

Em sua carreira pública, Anísio Teixeira também participou de várias entidades e movimentos ligados à educação. Sendo Anísio Teixeira de formação pragmática, o que na etimologia da palavra significa ação, sua atuação no MEC foi constantemente ativa nos moldes pragmáticos. O pragmatismo é a filosofia que relaciona pensamento e ação, ser pragmático na educação é mais do que ser prático, pois envolve elementos físicos, implantação de práticas que variam conforme o lugar, tipo e forma de ensino. Nesse sentido, a ação não é voluntária, ela é planejada, o que permite mensurá-la no decorrer do processo educativo e elaborar análises.

Desse modo, na filosofia pragmática, o valor está na concretude das ações. Na educação o pensamento configura-se na relação com a ação para obter o domínio dos resultados. Assim, pensamento e ação estão no mesmo nível e retroalimentam-se.

Para John Dewey o pensamento é uma “[...] função mediadora e instrumental que evoluiu para servir aos interesses da sobrevivência e do bem-estar humano.” (BRASIL, 2010, p. 14). Do ponto de vista científico, no pragmatismo é necessário comprovar a funcionalidade do conhecimento por meio do método de experimentação. Nesse sentido, o conhecimento precisa ser colocado em prática. O pragmatismo é a filosofia do pensamento por meio da ação que se quer transformar em conhecimento.

Embasado por essa filosofia que calibra pensamento e ação, além de exercer cargos importantes e liderar equipes de trabalho, Teixeira produziu variada bibliografia para a educação, paralelamente às funções de gestor educacional. Na fase madura de sua carreira, Teixeira escreveu vários textos resultantes, combinando análises que foram proferidos em palestras por ele realizadas em eventos diversos no âmbito da educação. Esses textos foram publicados posteriormente, como artigos na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP).

Anísio Teixeira foi reitor da Universidade de Brasília (UnB), no período de 1963 a março de 1964. Ele assumiu a reitoria interinamente, quando Darcy Ribeiro se afastou do cargo para assumir o Ministério da Educação, sendo o vice-reitor Almir de Castro. Como reitor, Teixeira

viajou novamente aos EUA, tendo sido um de seus objetivos buscar referências para a universidade considerada modelo nacional. Durante a viagem, visitou também o State Department, em Washington. Essa longa viagem foi em 1963, às vésperas do golpe civil-militar no Brasil, momento de grande tensão política. Sente Teixeira um clima estranho nos Estados Unidos, pelas conversas que tivera no State Department parecia que os estadunidenses estavam à espera de algo ao tratar de projetos brasileiros. Anísio Teixeira relata esse sentimento ao escrever ao amigo Péricles Madureira de Pinho, fazendo-lhe o seguinte questionamento: “Será que eles sabem mais do que nós sobre alguma mudança aí?” (LIMA, 1978, s/p).

Naquele ano Teixeira passou vários meses nos EUA. Conforme a Folha de São Paulo, foram quatro meses. A convite de várias universidades, como Colúmbia, Harvard, Chicago, Roosevelt e Michigan State. Em solo anglo-americano, Anísio Teixeira ministrou minicursos em seminários e realizou conferências.

Na agenda dessa viagem estava também o acompanhamento de professoras brasileiras que participavam de um intercâmbio nos EUA, na Universidade de Colúmbia. Esse intercâmbio fazia parte de novo programa entre EUA e países da América Latina. De acordo com o Jornal do Comércio, a primeira fase encerrou-se em maio de 1963.

No mês seguinte, Teixeira retornou aos EUA para o encerramento de um ciclo de atividades, das quais atuou como professor visitante e recebeu do *Teachers College da Columbia University* uma homenagem. A “Medalha por Serviços Relevantes” era um reconhecimento pelo serviço prestado à universidade; no certificado que acompanhava a medalha estava escrito o seguinte texto:

Mestre para seus alunos, seus colegas e seu país, cuja erudição ilumina a Educação em tôdas as Américas; líder, nas escolas e universidades do Brasil, cujo exemplo inspira os educadores pelo mundo inteiro; homem que ama tanto o saber que devota a vida ao progresso do ensino e à melhoria das escolas: Para honrar seus notáveis serviços à causa da educação internacional, para assinalar quanto nos orgulhamos do antigo aluno que se distinguiu, e para expressar a elevada estima que lhe dedicamos, o Teachers College lhe confere a Medalha por Serviços Relevantes. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1963, s/p.)

O relacionamento de Teixeira com os anglo-americanos era antigo, tanto que no momento da homenagem já datava de mais de trinta anos, desde sua primeira viagem aos EUA em 1927. O

intelectual brasileiro era respeitado pela sua competência à frente da educação brasileira e tinha um bom relacionamento com os expoentes da teoria educacional anglo-americana. No entanto, é curioso pensar que Teixeira também mantinha bom relacionamento com grupos de intelectuais esquerdistas acusados de comunistas. Talvez seja por isso que lideranças conservadoras incluíam Teixeira nesse “pacote”. Além de seu histórico político, Teixeira declarou publicamente àquele grupo apoiar o Movimento de Cultura Popular de Recife, em 1962, quando os membros do movimento foram perseguidos sob a acusação de associar-se aos comunistas.

Transformações e permanências do pensamento de Anísio Teixeira em relação aos EUA

A atuação de Anísio Teixeira na educação brasileira foi fortemente marcada por suas relações com os EUA. Silva (2016) estudou a atuação do jovem Teixeira, que ficou encantado e entusiasmado com o modelo de ensino anglo-americano do início do século XX. Cabe destacar que, na viagem de 1925 aos EUA, a educação técnico-industrial foi uma novidade que muito despertou a atenção de Anísio Teixeira. Essa escola, alinhada com as demandas sociais daquela sociedade marcada pela indústria, pela democracia e pelo progresso, fez com que o jovem intelectual baiano se inclinasse definitivamente pela educação, conforme afirmou Silva (2016).

A empolgação com o sistema de ensino anglo-americano permaneceu em Anísio Teixeira, conforme estudos de Santos (2018). Em 1927, ele retornou aos EUA para estudar educação na Universidade de Colúmbia, em que aprofundou seu conhecimento sobre a pedagogia pragmática de Dewey. Ao retornar ao Brasil, Teixeira, atuando na capital federal, colocou em prática as apropriações feitas na escola anglo-americana e defendeu a escola única, gratuita, pública e laica. Movido por essas premissas, fez circular no país as ideias anglo-americanas de educação por meio de seus escritos e de suas atuações, como gestor, e de suas intervenções no Movimento pela Escola Nova. Nesse sentido cabe ressaltar a reforma do ensino secundário, realizada por Teixeira, nas escolas do Rio de Janeiro, na qual o ensino profissional foi incluído no currículo da educação básica.

No período de 1951 a 1971, a atuação de Anísio Teixeira na educação foi bastante intensa. Nessa fase o experiente educador baiano conhecia de forma profunda a realidade social e educacional brasileira. Pautado pelo modelo de democracia anglo-americana, pela pedagogia

pragmática de Dewey, pelo conhecimento científico e pelo desenvolvimento industrial, Teixeira estruturou o sistema de ensino brasileiro, pretendendo alinhar a escola brasileira às demandas sociais.

No entanto, é necessário dividir a referência anglo-americana no pensamento anisiano em dois momentos dessa fase. O primeiro momento foi na década de 1950, na qual Teixeira esteve muito engajado na esfera pública – Inep e Capes –, articulando o sistema nacional de educação. Nessa década cumpriu diversos compromissos nos EUA, além de promover parcerias e acordos em âmbitos educacionais com os anglo-americanos.

Anísio Teixeira viajou aos EUA em 1956 para participar da 1.^a Conferência Internacional de Pesquisa Educacional, realizada no país. Nesse período, o Brasil estava dando os primeiros passos em relação às pesquisas educacionais por meio dos CBPEs, criados por Teixeira. Em 1958, o intelectual viajou novamente aos EUA para participar de reunião da comissão de peritos em assuntos educacionais da União Pan-Americana.

A década de 1960 foi um período distinto no cenário político do Brasil e dos EUA. Conforme análise dos escritos de Teixeira, pode-se afirmar que o educador ficara decepcionado com três acontecimentos: a aprovação da LDB de 1961, o golpe militar de 1964 e a relação dos EUA com o Brasil. O pessimismo, o desgosto e a depressão ganharam espaço na vida de Teixeira, que, ao final dessa década, sentia o peso de ter sido por toda vida contrário à opinião política brasileira, segundo Viana Filho (1990).

O desencantamento de Teixeira está registrado em algumas cartas enviadas ao amigo Paulo Duarte, em 1964 e 1969. Em agosto de 1964, ainda no Brasil, escreveu ao amigo para dizer que estava surpreso com o golpe militar. Teixeira denominou o fato como um “pânico da direita brasileira”.

Nessa breve análise sobre esse acontecimento político, Teixeira confessa que não imaginava que existisse tanto medo das reformas de base, em curso no governo de João Goulart. Causava estranheza a Teixeira o movimento direitista, naquele momento, que pretendeu deturpar as reivindicações, as ocorrências e transformações que estavam acontecendo no país. Ele comparou esse medo brasileiro ao da população branca do sul dos EUA em relação à integração social. “Somos, devido nosso atraso, uma sociedade culpada, como culpada é a sociedade americana. E a culpa produz insegurança e esta leva até o desespero.” (TEIXEIRA, 1964, s/p).

De acordo com a experiência brasileira da década de 1930 e comparando-as com as revoluções na Europa, no entendimento de Teixeira, o regime militar iria durar muito tempo. Diante disso, ele acreditava ser necessário mudar as estratégias de combate, saindo de “[...] frustradas tentativas de ação para esforços sérios de esclarecimentos” (TEIXEIRA, 1964, s/p).

Para finalizar essa análise, Anísio Teixeira acreditava que o caminho para a sociedade brasileira era a cultura. Nesse sentido ele salientava que, se os brasileiros quiserem uma sociedade para todos, precisam de cultura para todos e, assim, promover a participação pela integração e, não, pela revolta. Para Teixeira a sociedade brasileira nunca estivera tão fragmentada, resultado de divisões e contradições. Essa situação era sintomática e revelava ser necessário estudar as causas de forma profunda.

Em março de 1964, Anísio Teixeira foi afastado dos cargos públicos que ocupava: a reitoria da UnB, o Inep e a Capes. Além disso, passou a ser tratado como uma ameaça à ordem brasileira. Foi aconselhado a deixar o país e conseguiu autorização do governo para viajar aos EUA. “Em outubro do mesmo ano, sua saída ficou registrada pelo Conselho Federal de Educação como missão a ser cumprida no ‘Programa de Intercâmbio Cultural’, cooperando com os programas internacionais” (SANTOS, 2000, p. 118). Paradoxalmente, o mesmo país que apoiou o golpe de estado brasileiro foi o que o acolheu naquele momento delicado de sua vida.

Anísio Teixeira foi convidado pela Universidade de Colúmbia para exercer função de professor visitante. No ano anterior, Teixeira estivera nessa universidade para receber uma homenagem com a “medalha de honra por serviços relevantes” no *Teacher’s College*. De Nova Iorque, Teixeira escreveu ao amigo Paulo Duarte, em novembro e dezembro de 1964; essas cartas revelam nova impressão dos EUA.

Angustiado com todos os acontecimentos, na carta de novembro de 1964, Anísio Teixeira faz referência indireta ao filósofo francês Jean-Paul Sartre para falar sobre a “superorganização” anglo-americana. Ele inicia o diálogo com o amigo, afirmando que as pessoas são contingência e circunstância, refletindo sobre a existência humana.

Teixeira descreveu ao amigo a sociedade americana daquela época, que estava a viver uma crise de existência. Ele escreveu que os americanos estavam com os problemas materiais resolvidos, no entanto a vida nessa sociedade “superorganizada” tornara-se chata, entediante. E então Teixeira reflete que ter os problemas materiais resolvidos não é uma “completa benção”. Assim,

ele conclui que a riqueza e a abundância da sociedade anglo-americana não eram sinônimos de liberdade, de uma “nação saudável e generosa com ela e com o mundo”. Nessa carta Anísio Teixeira conclui seu pensamento, relatando certa esperança com o futuro da sociedade americana, o que foi corrigido em carta escrita posteriormente.

Em dezembro de 1964, Anísio Teixeira mais consciente da situação social anglo-americana, relata ao amigo Paulo Duarte que a carta anterior fora uma reflexão existencialista, influenciada por Sartre. Isso porque é nesse texto que ele descreve o problema do “sentido” da vida nos EUA que “ganha uma dimensão voluntária desconcertante”.

Nesse momento Teixeira descreveu algo que se relaciona à crítica de Morse (1988), alguns anos mais tarde, de que os EUA não era um país portador de futuro. Assim como Morse e Adorno, críticos do projeto anglo-americano, Teixeira percebe que esse projeto estava em decadência e ameaçado pelo crescimento do capitalismo.

Continuando a citar Sartre como referência, Teixeira reflete sobre o engajamento que torna a vida suportável e significativa. Segundo ele, deve-se ter amor pela vida e pela aventura de viver para pensar nas questões de justiça social e boa sociedade. A vida boa passa por organizá-la bem e, nesse aspecto, os EUA era um país avançado. No entanto, ao analisar essa organização, percebe-se que o que está solidamente organizado é o sistema de produção.

Teixeira relata que esse sistema de produção, supereficaz, é que comandava a vida, sendo todos os outros sistemas – político, cultural, educacional e familiar –, subordinados a ele. E parece ser isso que alienou o homem de sua sociedade, gerando problemas na educação e na democracia anglo-americana.

Segundo Teixeira, a produção industrial resultou na organização social anglo-americana, uma característica dessa organização é a extrema especialização de conhecimentos. O impacto disso na educação é a separação entre cultura comum e a extrema especialização do conhecimento. Assim, a educação geral perdia valor diante da especialização do conhecimento, que atendia aos meios de produção e à organização, ou à superorganização. Desse modo a educação torna-se tecnicista.

Esse sistema cria uma bolha de isolamento do ser social, de modo que o homem moderno americano tem duas vidas: “[...] a do trabalho que é impessoal e pública, e a vida pessoal que é isolada e privada” (TEIXEIRA, 1964, s/p). Nessa análise da sociedade americana, Teixeira

percebe o desaparecimento da comunidade, pois a vida pessoal restrita ao núcleo familiar se tornou impessoal e anônima; esse individualismo extremo era um fenômeno novo, segundo ele. Na conclusão desse texto, Anísio Teixeira apresenta duas opções para uma vida significativa na sociedade urbana anglo-americana, a simplicidade ou a extrema cultura. A vida simples é acompanhada de virtudes e seria parecida com a “vida dos esquimós” ou “camponeses que viviam isolados” (TEIXEIRA, 1964, s/p). No entanto, aos trabalhadores industriais urbanos não seria possível essa vida simples, pois, isolados da industrialização total, não compreenderiam o seu trabalho, que era complexo e dividido.

Outra possibilidade, segundo Anísio Teixeira, seria o investimento na extrema cultura, pois por essa via poderia reconstruir-se a comunidade. O indivíduo da comunidade entende o seu presente, como os cultos entendem o passado humano pela informação e pelo saber.

Deve ele viver numa comunhão humana invisível, que sente e percebe imaginativamente, graças ao jornal, ao rádio, à televisão, ao livro, que o informam por comunicação impessoal e parcial, pois não permitem nem o diálogo, nem a conversação, nem a resposta. (TEIXEIRA, 1964, s/p.)

Após o golpe de 1964, Anísio Teixeira permaneceu nos EUA por dois anos. Conforme descreveu em carta ao embaixador Paulo Carneiro, era um “[...] semiexílio, semivoluntário, semicompulsório, o que corresponde à semiconfusão brasileira” (VIANA FILHO, 1990, s/p). A filha e o genro de Teixeira exilaram-se no Chile. Segundo Viana Filho (1990), Teixeira interveio pelo genro, por meio de seus contatos na Universidade de Santiago, e lá o genro trabalhou até 1968 durante o período de exílio.

No ano de 1965, Anísio Teixeira tornou-se professor visitante na Universidade de Nova Iorque. Naquele ano também palestrou na Califórnia. O assunto abordado foi “A democracia e as suas relações criativas na educação: novas fronteiras para a cooperação internacional”. Em 1966, Teixeira tornou-se professor visitante na *Santa Monica College*, uma faculdade comunitária da Califórnia. Após esse período nos EUA, em 1966 retornou ao Brasil e reassumiu a função de conselheiro no Conselho Federal de Educação (CFE).

Warde (2006) analisou as correspondências que Teixeira trocou com seu antigo professor e amigo George Counts, entre 1960 e 1970. Esses escritos tratavam de análises políticas e sociais

brasileiras e anglo-americanas. Segundo a autora, nesse período Teixeira desloca-se entre grande esperança na democracia anglo-americana para o quase total pessimismo.

Anísio Teixeira assistiu à guerra fria e a guerra do Vietnã e isso muito o incomodava. A Counts escreveu:

Como sabe, passei o último semestre nos EUA. Eu estava profundamente impressionado com a energia e a força da vida americana. Com a intensidade da paixão pelo trabalho. Mas, havia um certo silêncio no ar, alguma coisa que não pude ver claramente, mas apenas uma sensação mais forte do que fraca, tanto quanto determinada, mas muito sombria.”. (*apud* VIANA FILHO, 1990, s/p.)

Segundo Viana Filho, os períodos nas universidades de Colúmbia e da Califórnia como professor visitante “deram a Anísio nova visão da vida americana”. Teixeira presenciou o silêncio da sociedade americana dos anos 1960 diante da guerra. A busca pela segurança estava a aprisionar a sociedade anglo-americana. E em tom de desencanto questionou o intelectual brasileiro sobre a nação estadunidense:

Não é de enlouquecer ver-se a nação nascida apenas ontem, nos fins do século XVIII, num berço de esperanças, de fraternidade universal, e hoje a mais rica e poderosa nação do mundo, ensandecida na aventura inacreditável de policiar, dominar e parar o planeta ou então fazê-lo explodir? (*apud* VIANA FILHO, 1990, s/p.)

Embora Teixeira se decepcionasse com os rumos que a sociedade dos EUA estava tomando, sua referência de educação para a democracia continuava a ser John Dewey. Quando retornou ao Brasil em 1966, além de retomar as atividades no CFE, foi convidado para trabalhar na Companhia Editora Nacional, como editor e tradutor de livros.

Nesse período Teixeira dedicou-se à organização da Coleção Cultura Sociedade Educação (CCSE). Dentre os livros que fizeram parte desse trabalho destacam-se duas obras de John Dewey que Teixeira traduziu: *Liberalismo, liberdade e cultura* e *Experiência de educação*; e a obra de Alexis de Tocqueville *Democracia na América*, da qual fez a revisão da tradução. Conforme Warde (2006), essas escolhas pelos títulos e autores são sinais de que a decepção de Teixeira com EUA não abalou sua referência. “A América está demasiado jovem, demasiado enérgica, demasiado esportiva para os anos que me estão chegando. Conservo a velha

admiração, mas – não consigo afinar” (*apud* VIANNA FILHO, 1990, s/p). O experiente educador brasileiro admirava os EUA do passado.

Outro fator que demonstra a decepção de Teixeira com os EUA e conseqüente desânimo foi a ideia de um estudo, pensado por ele, sobre as culturas do Brasil e dos EUA. Segundo Vianna Filho (1990), Teixeira anunciou o projeto ao amigo George Counts, mas também informou sobre a desistência dessa ideia. “Minha velha ideia sobre o livro de cultura brasileira e americana morreu. Vocês têm mudado muito e agora nos lembram muito a Europa e o seu poderio” (*apud* VIANNA FILHO, 1990, s/p). Assim Teixeira justificou a mudança de planos ao amigo e disse que optara pela tradução da obra de Tocqueville, demonstrando ser esse autor uma de suas referências sobre democracia. Nessa escrita Anísio Teixeira demonstra sua reação ao imperialismo anglo-americano, uma ameaça ao que admirava naquele país, a democracia.

Anísio Teixeira manteve bom relacionamento com as universidades e cultivava antigas amizades com acadêmicos anglo-americanos. Em 1967, foi convidado pela Universidade de Williamsburg, da Virgínia, para proferir a palestra intitulada “A crise mundial da educação”. Essa parece ter sido a última viagem do intelectual aos EUA.

A década de 1960 foi muito difícil para Anísio Teixeira. Com tantos acontecimentos negativos, estava ferido, envolto em pessimismo. Segundo Vianna Filho (1990), o experiente educador baiano sentia-se “[...] marginalizado pela conturbada atmosfera da realidade política e social brasileira” e isso o motivava ao “inquieto isolamento”. Teixeira passou os últimos anos de sua vida revezando-se entre em Itaipava e o Rio de Janeiro; gostava do isolamento na montanha. Viajou muitas vezes a São Paulo em virtude dos compromissos de trabalho na editora.

Considerações finais

Nas décadas de 1950 e 1960, Anísio Teixeira mantém suas relações profissionais e acadêmicas com os EUA, no entanto, nessa fase, o educador volta aos EUA com maioridade para atuar como conferencista e professor. Conforme análise dos escritos anisianos de 1951 a 1971, a pedagogia pragmática continua sendo sua referência nesse período. Ainda sobre sua referência pragmática, no final da década de 1960, Anísio Teixeira traduziu dois livros de John Dewey. Anísio Teixeira era crítico da relação política entre Brasil e EUA após o golpe de 1964. Anísio

Teixeira decepcionou-se com os EUA. No entanto, essa decepção não abalou sua referência educacional deweyana nem interrompeu suas redes de contatos com intelectuais e com universidades.

Conforme os estudos de Silva (2016) e Santos (2018), Anísio Teixeira era um entusiasta do modelo educacional anglo-americano. Nesse sentido, sua referência são os EUA desde a década de 1920 até o fim de sua vida. A apropriação da obra deweyana e a prática de fazer circular as ideias pragmáticas do filósofo anglo-americano foram constantes durante sua atuação educacional, ou seja, por toda sua vida profissional. De sua produção escrita no período de 1951 a 1971, aproximadamente 25 textos fazem referências à pedagogia pragmática de Dewey. Destaca-se o texto “Bases da teoria Lógica de Dewey”, escrito em 1955 e publicado em três de seus livros, em 1956 e 1969. Ainda nesse período Anísio Teixeira traduziu *Liberalismo, liberdade e cultura* e *Experiência de educação*, ambas as produções de John Dewey.

Além de fazer circular a pedagogia pragmática na educação brasileira, Anísio Teixeira construiu relações consistentes e duradouras com intelectuais da educação anglo-americana. Essa rede de sociabilidade com os anglo-americanos não foi abalada após as tensões políticas do golpe civil-militar de 1964. Nessa época Anísio Teixeira escreveu em relatos pessoais, por meio de cartas, sua decepção com os EUA. Ele revelou sua decepção e seu descontentamento com aquela nação, que era sua referência de democracia. Anísio Teixeira refutava a atitude imperialista dos EUA e a ditadura militar no governo brasileiro.

Anísio Teixeira percebeu os problemas do crescimento do capitalismo nos EUA, que ameaçavam a democracia do país, e comparou o comportamento do país à Europa, fazendo referência à fase imperialista. O individualismo que prevalecia sobre a comunidade, as guerras como foco central das preocupações políticas, o apoio aos golpes militares na América Latina e o desenvolvimento tecnológico que conduzia a civilização para incertezas e o surgimento das massas foram alguns dos problemas relacionados por Anísio Teixeira. Essas questões impactavam diretamente a educação anglo-americana, que servia cada vez mais à industrialização, priorizando os conhecimentos especializados em relação à educação geral.

No período de 1951 a 1971, Anísio Teixeira retorna aos EUA por diversas vezes para cumprir compromissos profissionais e buscar referências educacionais. Nessa fase a relação de Anísio Teixeira com os EUA é diferente. Se na década de 1920 o jovem educador viaja ao país para

fazer cursos e estudos, na década de 1960 ele tem maioridade, maturidade e autonomia; era um intelectual da educação, especialista na pedagogia pragmática de Dewey. O experiente educador e intelectual brasileiro retornou aos EUA para atuar nas universidades da Colúmbia, Nova Iorque, Califórnia e Williamsburg.

Referências

BIBLIOTECA VIRTUAL ANÍSIO TEIXEIRA. 2018. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/index.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

PEDROSA, José Geraldo; SILVA, Reislá Suelen de Oliveira. Representações do jovem Anísio Teixeira sobre a Europa e suas escolas (1925). **Cadernos De História Da Educação**, 18(2), 526-547. 2019. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/50307/26763>>. Acesso em 16 de novembro de 2019.

SANTOS, Sandra Lúcia. **Escritos de Anísio Teixeira do período de 1929 a 1951: leituras da Americanidade a partir das viagens à Europa (1925) e Estados Unidos da América (1927 e 1929)**. 2018. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) - Programa de Pós Graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, R. S. O. **Representações sobre Europa e América e suas Escolas: comparação entre os escritos de viagens do jovem Anísio Teixeira (1925–1927)**. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) - Programa de Pós Graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

TEIXEIRA, Anísio. **Carta a Paulo Duarte Guimarães**. Nova Iorque, 10 nov. 1964. Localização do documento: Arquivo privado – Paulo Duarte Guimarães. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/correspond.htm>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

TEIXEIRA, Anísio. **Carta a Paulo Duarte. S.l.**, 28 dez. 1964. Localização do documento: Arquivo privado – Paulo Duarte Guimarães. Disponível em: <<http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/correspond.htm>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional – MEC, 1969.

_____. **Educação é um direito**. 4ª ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2009, (Col. Anísio Teixeira; v. 7).

_____. **Educação não é privilégio**. 7ª ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2007, (Col. Anísio Teixeira; v. 6).

_____. **A educação e a crise brasileira**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2005, (Col. Anísio Teixeira; v. 5).

VIANA FILHO, Luís. **Anísio Teixeira: a polêmica da educação**. Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: <<http://www.bvanisio Teixeira.ufba.br/livro9>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

WARDE, Mirian Jorge. Encantamentos e desencantamentos com a América: os Estados Unidos em escritas de Anísio Teixeira. **Projeto História**, São Paulo, (32), p. 171–189, jun. 2006. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2423/1513%3E%20Acesso>>. Acesso em: 1 mar. 2021.

WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Coleção educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.